



4990 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

DO PROJETO SOCIAL AO ENSINO SUPERIOR: SUPORTES E TRANSIÇÕES DE JOVENS PROFISSIONAIS INSERIDOS NO SETOR CULTURAL

Ivan Faria - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

DO PROJETO SOCIAL AO ENSINO SUPERIOR: SUPORTES E TRANSIÇÕES DE JOVENS PROFISSIONAIS INSERIDOS NO SETOR CULTURAL

RESUMO: O presente trabalho investiga percursos de jovens de origem popular ligados aos setores da fotografia e do audiovisual, desde suas primeiras vivências em projetos sociais até o ingresso no ensino superior, em Salvador, Bahia. São analisadas as experiências socializadoras que possibilitaram a estes sujeitos a inserção em campos de formação e atuação profissional nos setores das artes e cultura. O referencial teórico adotado utiliza aportes das sociologias à escala individual, como as noções de socialização plural e suportes. A metodologia adotada é de natureza qualitativa e os dados foram produzidos por meio de entrevistas com três jovens negros e de origem popular, egressos de projetos sociais, que ingressaram no ensino superior público em cursos de artes e atuam profissionalmente nas áreas de formação. Os resultados apontam que as experiências em projetos sociais contribuíram decisivamente para a ampliação dos seus repertórios socioculturais e o acesso a novos circuitos culturais, bem como ofereceram suportes à singularização das habilidades sociais e profissionais.

Palavras-chave: Suportes. Socialização. Projetos sociais. Setor cultural.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga percursos de jovens de origem popular ligados aos setores da fotografia e do audiovisual, desde as primeiras experiências de formação em projetos sociais até o ingresso no ensino superior, em Salvador, Bahia. São analisados os suportes, e momentos críticos que marcaram as transições entre diferentes experiências socializadoras, que possibilitaram a estes sujeitos a inserção em campos de formação e atuação profissional nos setores das artes e cultura, tradicionalmente mais elitizados.

Nos campos do audiovisual e da fotografia, os caminhos de formação são bastante singulares e costumam ocorrer mais tardiamente do que em outras linguagens artísticas como a música e a dança, em que os processos de construção de habilidades e de capitais culturais específicos se dão de forma precoce (SETTON, 2005; RAMOS, 2009). A limitação do acesso a escolas e cursos especializados e o elevado custo de equipamentos e de produção, historicamente contribuíram para que esses campos fossem restritivos para jovens de classes populares.

No entanto, nas últimas décadas, além da redução dos preços e da popularização das ferramentas digitais de produção e difusão (câmeras, computadores, softwares, plataformas virtuais etc), novas possibilidades de iniciação e qualificação têm emergido em espaços formais e não formais de educação, atingindo também públicos mais amplos e diversificados em termos sociais e culturais.

Hoje, Ferreira e Raimundo (2014) reconhecem uma tendência crescente a uma deselitização das artes, algo que pode ser notado entre os jovens entrevistados, que puderam constituir significativos repertórios de capitais culturais tanto em espaços formais quanto não formais de aprendizagem. No campo profissional, muitas dessas atividades alcançaram maior reconhecimento social por meio de processos de formação e trabalho cada vez mais institucionalizados, que resultam em certificações, credenciamentos profissionais e legais (FERREIRA; RAIMUNDO, 2014). Além disso, há

[...] a construção de uma aura simbólica que as associa sistematicamente a determinados valores expressivos do trabalho tais como criatividade, autonomia, autenticidade, prazer e autoexpressão, assim como a estilos de vida caracterizados pelo glamour, celebridade, fama, ou cosmopolitanismo. (FERREIRA; RAIMUNDO, 2014, p. 5-6).

Em Salvador, uma gama de projetos socioculturais se desenvolveu desde a década de 1990, utilizando as artes como ferramenta ou como foco da formação de adolescentes e jovens. Nesse sentido, perguntamos como jovens de origem popular têm transitado pelos campos da formação do vídeo e da fotografia? Que papel projetos sociais desempenham na conformação dos capitais culturais e habilidades sociais que possibilitem o prolongamento de seus processos formativos?

O referencial teórico adotado conjuga aportes das sociologias à escala individual, como as noções de socialização plural e suportes (MARTUCCELLI, 2007a, 2007b; LAHIRE, 2004). Estes autores destacam a centralidade analítica do indivíduo em contextos de crescente singularização da economia, das instituições e das formas de sociabilidade, quanto algumas das teorias sobre socialização que emergiram sobretudo após os anos 1980, apontando para a pluralidade dos quadros de referência na constituição de experiências marcadas pela reflexividade e o distanciamento.

Os suportes são pensados como elementos sociais (sujeitos, instituições, redes de significado) que têm a função ativa de amparar os seres e proporcionar-lhes condições de individualização e de enfrentar o desafio de “sustentar-se frente ao mundo”. Já os pontos de viragem, são ferramentas importantes para compreender aspectos-chave dos processos de individualização que marcam os percursos formativos e profissionais dos sujeitos da pesquisa. A estas busco incorporar a noção de socialização, pensada a partir do marco dos processos de singularização (ARAÚJO; MARTUCCELLI, 2010), ou seja, tomá-la como um processo dinâmico, contínuo e nem sempre integrador, enquanto os indivíduos interatuam com múltiplos agentes e instituições, têm que encontrar coerência individual numa sociedade plural e fragmentada.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa e os dados empíricos utilizados são parte de uma investigação mais ampla, realizada entre os anos de 2013 e 2017, sobre formação e profissionalização de jovens inseridos no campo

artístico em Salvador. Para este trabalho, são privilegiados dados produzidos por meio de entrevistas em profundidade com três jovens negros e de origem popular, com idades entre 26 e 27 anos, que tiveram experiências de formação em projetos sociais, ingressaram no ensino superior público em cursos de artes e que atuam profissionalmente nas áreas de formação.

Os participantes da investigação são brevemente caracterizados a seguir e identificados por nomes fictícios: Murilo, 27 anos, é filho de mãe dona de casa e pai técnico em manutenção, tem formação de nível médio em vídeo e bacharelado em artes, é cinegrafista, fotógrafo, editor, produtor e *videomaker*; Maria, 27 anos, que tem pai pedreiro e mãe empregada doméstica, possui formação profissionalizante em vídeo e cursa o bacharelado em artes, atua como arte-educadora, *videomaker* e produtora cultural; Carina, 26 anos, cuja mãe era dona de casa e o pai é vigilante, tem formação em fotografia e bacharelado em artes, é arte-educadora e fotógrafa.

A estrutura do trabalho enfoca inicialmente as experiências formativas destes jovens em projetos sociais, depois aborda os processos concomitantes de profissionalização, inserção profissional e prolongamento dos percursos de escolarização, com ingresso no ensino superior.

EXPERIÊNCIAS EM PROJETOS SOCIAIS

Em Salvador, a partir do final da década de 1980, emergiu uma ampla gama de cursos e projetos socioculturais na área de artes, especialmente voltado para crianças e jovens de classes populares. Essas iniciativas eram coordenadas por ONGs, associações e blocos carnavalescos, mas também de entidades públicas, como a Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) e a Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (SUDESB). Estas entidades contribuíram para os processos de formação artística e cultural de uma geração de artistas, e também de profissionalização de novas ocupações, como "oficineiros", agentes e mediadores culturais, arte-educadores etc (FARIA, 2017).

Tais iniciativas formaram uma rede de formação paralela à escola, cujas propostas eram muito diversas em termos de infraestrutura, qualificação dos educadores, duração e objetivos. Incluíam desde projetos em que a arte é utilizada como estratégia pedagógica ou recurso de sensibilização ou ampliação dos sentidos estéticos (FERNANDES; CUNHA; FERREIRA, 2004) até cursos com pretensões explicitamente profissionalizantes, como é o caso da Oi Kabum! - Escola de Arte e Tecnologia^[1], instituição na qual se formaram os jovens entrevistados para este trabalho.

Para jovens de classes populares, as oportunidades de formação no setor do audiovisual e da fotografia são mais restritas. A Organização Não Governamental Cipó - Comunicação Interativa, desde 1999, desenvolve projetos na área de comunicação e multimídia com jovens de classes populares, assim como o Projeto Rede TV Jovem, ligado à organização Ação Pela Cidadania, desde 2007, oferece cursos para jovens estudantes de baixa renda nas áreas de audiovisual, computação gráfica, web design, comunicação em rádio e interpretação para TV e cinema.

Dentre os três jovens entrevistados, uma delas, Maria teve vivência precoce e duradora em projetos sociais em projetos sociais, enquanto os outros, Murilo e Carina, tiveram sua iniciação aos 18 anos de idade. Em comum, há a experiência de terem passado pela Kabum, sendo que os dois primeiros fizeram formação em vídeo e a última, em fotografia.

Maria sempre viveu no Subúrbio Ferroviário de Salvador e fez toda a trajetória de escolarização em escolas públicas da região. Aos 13 anos começou a fazer aulas de dança numa associação cultural no bairro do subúrbio de Salvador onde morava. Dois anos depois, ingressou no seu primeiro projeto social, o Agente de Desenvolvimento Comunitário, ligado a uma fundação, que formava jovens para atuar como mobilizadores e multiplicadores de ações socioculturais com linguagens como poesia, teatro e fotografia, além de sensibilizá-los para temáticas como sexualidade e identidades. Essa experiência produziu alterações significativas na forma de Maria se perceber enquanto jovem, mulher e negra. Ela recorda que a primeira mudança foi "[...] me aceitar como eu sou, principalmente esteticamente. Outra coisa foi que aguçou mais uma coisa que eu já gostava, mas que com o passar do tempo eu fui entendendo, eu fui até mudando opiniões de coisas que eu tinha antes. Essa questão de começar a gostar de ler". (MARIA).

Foi a partir dessa experiência formativa que ampliou significativamente sua relação com a vida cultural da cidade, conhecendo circuitos de arte, especialmente aqueles gratuitos ou de baixo custo. Ao mesmo tempo, se processavam outras mudanças subjetivas resignificando a relação com seu próprio corpo, sua condição feminina e racial.

Aos 17 anos, Maria pôde expandir ainda mais sua formação artística, dessa vez participando de uma oficina de vídeo ofertada pela Casa Brasil, um projeto localizado num bairro vizinho. Foram os educadores desse projeto que a estimularam a fazer a seleção para a Kabum, um projeto que oferecia cursos nas áreas de vídeo, fotografia, computação gráfica e design gráfico, para jovens das periferias de Salvador^[2]. Lá, optou pela formação em vídeo, mas também se envolveu com a fotografia e as atividades transversais ligadas à literatura.

Outra jovem entrevistada, Carina, era moradora do bairro de Plataforma, também localizado no Subúrbio Ferroviário e aluna de escolas públicas. Ela teve sua primeira vivência em projetos socioculturais, ao ingressar em projeto da que passou pela Kabum, aos 18 anos de idade.

Cresceu em uma família evangélica que reconhece ter sido muito controladora e restritiva para sua formação socialização e formação cultural. Nesse sentido, o contato com outros contextos sociais e culturais, bem como as relações com colegas e educadores, promoveram uma mudança significativa em sua visão de mundo:

Meu mundo era aquele: casa-escola-igreja, e só. Aí eu comecei a frequentar teatro, comecei a ir no cinema, porque eu tinha ido poucas vezes... Conhecer até artistas de música, diferentes, porque eu não escutava... As músicas alternativas eu nem conhecia, não sabia quem era... Então, como comecei a ir pras exposições... Eu sempre digo que se não fosse a Kabum, hoje eu acho que eu seria uma pessoa extremamente fechada pro mundo... Talvez eu tivesse mente mesmo de pessoas que hoje, eu digo: 'Não acredito!' Coisas mesmo de preconceito, de discriminação, de racismo, de homofobia. Então, assim, a principal mudança foi essa, de eu ter o respeito pelo outro. (CARINA)

Suas vivências na Kabum também permitiram ampliar o seu círculo de amizade e a construção de uma conexão maior com seu bairro e com o circuito cultural existente no subúrbio de Salvador.

Nessas reviravoltas da minha vida, eu acabei conhecendo um pessoal que é dum grupo chamado Fórum de Arte e Cultura do Subúrbio. Quando eu tava na Kabum, eu namorei um colega que também fazia teatro. Ele tinha um grupo de teatro e virou o grupo residente lá do teatro, então tava lá ensaiando o tempo todo e eu sempre ajudava o grupo, mas nunca quis encenar... Então fazia produção, fazia fotografia, fotografava os

Dessa participação surgiram as primeiras oportunidades para desenvolver seus conhecimentos de fotografia fora do espaço da Kabum. Participou do festival das artes Caldeirão Cultural, “Eu nunca tinha fotografado em teatro e foi mais um aprendizado pra mim.”.

Murilo cresceu no Nordeste de Amaralina, região popular encravada entre bairros nobres de Salvador. Recorda que na localidade onde vivia, existiam muitas iniciativas de caráter socioeducativo voltadas para jovens.

Tinha uma rede muito grande de projetos sociais dentro do Nordeste de Amaralina. Tinha projetos ligados à música, projetos mais ligados à área de percussão, tinha projetos ligados à formação do caráter do indivíduo, tinham muitos projetos assim, do governo do estado. Tinha projetos de futebol, que era e ainda é recorrente nos bairros populares até hoje. Essa busca pela descoberta dos craques. (MURILO)

No entanto, até conhecer a Kabum, nunca havia participado de projetos. Aos 18 anos, Murilo foi aprovado no processo seletivo e já durante a triagem foi seduzido pelo campo do vídeo. Lembra que os dois educadores “[...] mostraram alguns trabalhos que eles tinham feito, roteiro e tal. Então eu fiquei encantado por esse universo de construção do cinema, essa coisa da prévia, o universo antes do filme ir pra tela. E como tinha muita coisa, eu já me motivei”.

Suas experiências na Kabum foram avaliadas como muito positivas, especialmente no que se refere à ampliação do seu universo sociocultural e no desenvolvimento de processos criativos.

A gente não tava só estudando vídeo. Essas outras oficinas que possibilitavam, sei lá, uma abertura... Eu acho que o mais importante na formação na Kabum não foi a oficina de vídeo, justamente foi a visão de mundo que esse leque, que se ampliou. Essa possibilidade de conhecer novas coisas, de você viajar pra outros lugares, participar de festivais e tal. Tá nesses encontros, eventos de arte, esse contato maior, essas possibilidades pra além da arte, que eu acho que foi o mais fundamental da formação técnica da Kabum. O módulo que eu mais identificava como viagem e construção subjetiva era a Oficina da Palavra. Porque não era narrativa audiovisual, mas era narrativa da palavra. Isso me tocava muito mais do que ver filme, muito mais. Experimentava muito essa coisa do falar, do escrever, de maneira mais solta, mais aberta. (MURILO)

Os suportes oferecidos pelos projetos sociais, no caso específico do campo artístico e cultural, parecem ser fundamentais em um espaço historicamente elitista nos processos de educação e certificação profissional. A experiência no interior dos projetos sociais e das redes de sociabilidade e formação propiciadas se mostram decisivas para seus processos de subjetivação.

Além de diversificados e difusos a uma primeira mirada, os suportes possuem legitimidade social diferente (por exemplo, o domínio da linguagem oral ou escrita; a inserção nos domínios das artes eruditas ou popular). Muitas pessoas, por privilégios sociais e culturais, têm suportes tão legítimos que parecem invisíveis e naturais. Segundo Martuccelli (2007b, p. 44, tradução nossa), “um sentimento constantemente validado socialmente reforça uma autoilusão”. Assim, uma maior dependência de auxílios como os ofertados pelos projetos sociais, torna mais explícitos os elementos que os suportam. No entanto, paradoxalmente, os mais “necessitados” são os que mais se sustentam “desde o interior”, ou seja, apesar de demandarem apoio em maior quantidade, têm maior déficit de suportes.

A experiência de participar de projetos sociais nos bairros periféricos de muitas cidades brasileiras tem desempenhado importante papel na formação cultural da juventude, em concomitância com a experiência escolar (NOVAES, 2006; SPOSITO, 2008). Se a escola formal muitas vezes apresenta limites para promover a formação artística de seus estudantes, em alguns contextos, como o de Salvador, os projetos sociais podem ter papel decisivo nos processos de iniciação artística de adolescentes e jovens.

MEDIÇÕES PARA O MUNDO DO TRABALHO

A Kabum também desenvolvia um trabalho de monitoramento dos egressos e de captação e divulgação de oportunidades profissionais. Essa ação constituiu outro importante suporte para jovens que pretendem a inserção num setor marcado pela flexibilidade e informalidade, tanto nos processos de recrutamento e seleção, quanto na organização dos processos de trabalho.

Os três jovens entrevistados vivenciaram experiências profissionais no setor cultural. Desse modo, além das repercussões subjetivas e sociais, a Kabum favoreceu a profissionalização, mesmo não sendo um curso técnico *stricto sensu*.

A inserção profissional pode ser pensada como uma prova laboral importante, na qual são avaliadas habilidades sociais e técnicas e idealizações e projeções são confrontadas com condições mais concretas de trabalho (funções a desempenhar, remunerações a receber, autonomia, reconhecimento etc.). (FERREIRA, 2003).

Maria começou a realizar seus primeiros trabalhos na área junto à Cipó, responsável pelo projeto, além de ter trabalhado sido contemplada por editais promovidos pelo próprio projeto e ter atuado como monitora e gerenciadora de redes sociais na própria instituição. Carina conseguiu seus primeiros contatos profissionais com educadores da Kabum. Ambas se envolveram com a construção de grupos e projetos artísticos com ex-colegas da instituição, com quais passaram a desenvolver ações socioculturais em seus bairros de origem, como as promovidas pelo Coletivo Cutucar e pelo Arte e Empoderamento.

Maria manteve-se ligada à instituição de forma mais direta e praticamente todas suas experiências profissionais foram mediadas e contaram com o apoio e a mediação da Cipó, que constituiu-se num importante suporte para suas diferentes experiências de inserção profissional.

Nas etapas finais do curso, Maria começou a fazer *freelances* para a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (Secult), fazendo divulgação de eventos e continuou prestando alguns serviços de filmagem, até ser contratada pela Cipó, entidade responsável pela gestão da escola, para atuar em um Ponto de Cultura, onde trabalhou por mais de um ano. Na Kabum

atuou em um subprojeto, o Comunicabum, como responsável pelo registro das ações da escola e a administração das suas redes sociais. Ao final dessa experiência foi indicada por um dos profissionais da instituição para trabalhar como arte-educadora num museu público. Em meio a essas experiências, esteve desempregada por alguns meses, período em que se envolveu voluntariamente com o Coletivo Cutucar, grupo de ações socioculturais formado por egressos da Kabum.

Murilo realizou uma transição bem-sucedida entre a Kabum e o mercado de trabalho. Após um período de estágio na Divisão de Imagem e Som (Dimas) da FUNCEB, foi contratado como assistente de câmera, pois não tinha graduação em curso superior. No entanto, pôde trabalhar também com edição, fotografia, roteiro, elaboração de projetos e prestação de contas, como reconhece:

essa foi uma grande escola... Prestação de conta, aprendi muita coisa na Dimas, nesse período. Como assistente de câmera, eu rodei muitos curtas-metragens, porque lá, como é um núcleo de apoio à produção independente, então eu conheci dos diretores mais consagrados do cinema baiano aos que tavam começando, assim como eu. (MURILO)

Essa experiência permitiu também ampliar significativamente sua rede contatos profissionais, através dos quais fez seus primeiros *freelances* e constituiu seu primeiro coletivo independente de produção audiovisual, a EPA! Filmes.

A outra jovem, Carina, saiu da Kabum imediatamente para o mercado de trabalho, atuando por dois anos como fotógrafa de estúdio, hotéis e eventos. O seu primeiro trabalho em um projeto financiado pela Petrobrás, surgiu por indicação de uma ex-professora da Kabum e possibilitou a compra da sua própria câmera e o aprofundamento do seu vínculo profissional com o campo da fotografia, constituindo-se num marco importante para sua definição profissional. "Eu acho que também deu uma guinada pra eu continuar na área, né? Porque você tem um equipamento, fica muito mais fácil, por mais simples que seja o equipamento, fica muito fácil... E aí eu fui trabalhando, meu pai me ajudou a comprar o flash." (CARINA)

As experiências profissionais iniciadas ou desenvolvidas após a saída dos projetos sociais foram marcadas quase sempre pela passagem por diferentes espaços de trabalho, em cada uma das trajetórias. Alguns jovens conseguiram construir, ainda durante esses momentos, reconhecimento expressivo no interior de seus respectivos campos. Nas áreas artística e cultural, em que empregos são raros e a informalidade predomina, a construção as redes sociais fortes é decisiva na formação de relações virtuosas de trabalho, como pontua Borges (2011).

Em comum, os três entrevistados têm a experiência de construir trabalhos com coletivos culturais, Murilo com o Epa! Filmes; Maria, com o Coletivo Cutucar e Carina, com o coletivo Musas e o Fórum de Arte e Cultura do Subúrbio. Especialmente as duas jovens têm desenvolvido ações de arte-educação em projetos socioculturais nas periferias de Salvador. Sustentam que, além de ser prazeroso, o trabalho feito também é um "retorno" a ser dado às comunidades de onde vieram e aos grupos que têm pouco acesso à formação social e artística, como pontua Maria:

É uma área que eu gosto porque eu trabalho com pessoas da minha comunidade. Assim, eu posso conhecer melhor o pessoal. E eu me reconheço em cada um. Eu gosto muito. E às vezes eu sinto que falta muita coisa lá. E eu gosto de fazer oficina, de levar alguma coisa para lá, porque eu acho que falta isso. Eu fico alegre quando eu vejo a galera empolgada. (MARIA)

Os coletivos também oferecem suporte à experimentação artística e de aprendizado para a elaboração e submissão de projetos a editais, ou seja, puderam desenvolver uma habilidade importante para aqueles que atuam e buscam apoio e financiamento no setor da cultura.

O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR

Para aqueles que passaram por uma formação profissionalizante em determinado campo, a opção por realizar o ensino superior na mesma área ou em áreas correlatas pode indicar a confirmação de um interesse ou experiência gratificante, o desejo de maior qualificação, a busca por um certificado de maior validade ou status, dentre outras razões.

Nessa etapa da vida, a maior aproximação com o campo profissional e a concomitância entre estudo e trabalho também são uma constante para muitos jovens brasileiros, e não foi diferente entre os entrevistados. Uma parcela significativa dos estudantes universitários brasileiros precisa atuar profissionalmente para custear os estudos e/ou contribuir com a composição da renda familiar, sendo uma minoria os grupos dos "estudantes em tempo integral" (VARGAS; PAULA, 2013).

Seguindo caminhos diferentes, os três jovens chegaram ao ensino superior, o que, por um lado, indica a presença de suportes institucionais materiais ou simbólicos (MARTUCCELLI, 2007a) que favoreceram essa transição e, por outro, reforça o papel crescente que a formação e a certificação acadêmica têm tido na construção de carreiras artísticas.

A transição para o ensino superior se deu após a saída da Kabum, em um momento em que já trabalhavam. Enquanto Maria e Murilo foram aprovados em processos seletivos logo que concluíram a formação no projeto, Carina trabalhou durante três anos como fotógrafa, antes de iniciar os estudos no ensino superior. Todos eles optaram pelo curso noturno de Bacharelado Interdisciplinar em Artes (BI - Artes) da Universidade Federal da Bahia, sendo que as duas jovens ingressaram por meio do sistema de reserva de vagas, na condição de ex-estudantes de escolas públicas e negras.

As experiências de formação foram elogiadas, sobretudo pelas possibilidades de acessar diferentes campos da cultura e suas interfaces com outros campos do conhecimento. Murilo começou o curso já com relativo domínio de atividades no campo do audiovisual, como fotografia, edição e filmagem:

É uma experiência de vida você fazer todas aquelas disciplinas com uma abertura maior com os professores. Porque o Bacharelado foi muito parecido com a Kabum nesse sentido de ter essa abertura. Foi fantástico pra mim, porque eu já tinha todo esse suporte técnico, prático. Trabalhava há muito tempo, já fazia muita coisa na prática. Na teoria eu tinha um... porque de certa forma a formação da Kabum é meio... não te dá tanto suporte teórico, porque realmente a carga horária não permite que você trabalhe isso tudo. Então você tem uma pinclada de muita coisa, você não tem as teorias concretas, sei lá... Conversa sobre diretores, escolas de

cinema etc. (MURILO).

A estrutura curricular do BI – Artes permite que os alunos direcionem sua formação para algumas áreas de concentração. Murilo optou por focar no campo do cinema. No seu percurso pôde conhecer muitos profissionais da área e construir com colegas de curso um coletivo de audiovisual, o Cual, em 2011. Maria e Carina trilharam caminhos distintos; enquanto a primeira direcionou sua formação para a área de literatura, a segunda escolheu a maioria das matérias ligadas ao corpo, performance e comunicação. Aproximou-se do Laboratório da Faculdade de Comunicação da UFBA, mas não contava com a compreensão dos professores com relação à sua condição de estudante trabalhadora

De modo geral, ingressar no ensino superior, potencialmente, permitiria que os estudantes desfrutassem do companheirismo, da estrutura do espaço e de um corpo docente qualificado para viver um tempo de aprendizagem mais lento – com média de quatro anos –, para amadurecer habilidades, elaborações teóricas e conceituais etc. (RAMIRO, 2014). Seria também um lugar no qual são promovidas as primeiras apresentações públicas e gratuitas (exposições, mostras etc.), trocas geracionais e lugar de experimentação. Para o autor, “[...] uma escola oferece as experiências de fazer, errar, fazer de novo, até o encontro de uma solução para o seu trabalho.” (RAMIRO, 2014, p. 18).

No BI, Murilo ampliou sua rede social e profissional, conhecendo pessoas de várias áreas artísticas e com variados graus de experiência. Na universidade, criou com colegas de curso o segundo coletivo de cinema, o Coletivo Urgente de Audiovisual (Cual). O curso de graduação também foi considerado fundamental para sua educação estética e o refinamento teórico e conceitual na área de cinema.

A certeza de continuidade dos estudos diferia das expectativas vividas pela maioria dos seus amigos e colegas de bairro.

Essa coisa do ensino acadêmico, da academia, na vida da periferia, realmente, não existia. O objetivo de vida que tínhamos era, digamos assim – eu me coloco assim também nesse quadro –, era ter um emprego decente, ou seja, ter um emprego fixo, oito horas por dia, dez horas por dia, que pague um salário, que tenha carteira assinada etc. e tal. Mas eu não precisei trabalhar, eu não tive essa necessidade. Tive alimentação, não me preocupei com isso. Então isso é um grande fator positivo para eu ter seguido assim, estabelecido como meta. (MURILO).

Durante o ensino superior também tiveram a experiência comum a uma parcela expressiva dos jovens universitários brasileiros: freqüentar cursos noturnos e conciliar estudo e trabalho. A literatura sobre o tema aponta que a conciliação entre estudo e trabalho constitui dois perfis principais de sujeitos: o do “estudante trabalhador”, composto sobretudo por indivíduos que desenvolvem atividade profissional em tempo parcial, quase sempre com vínculo mais frágil e/ou flexível, que permite o financiamento parcial ou total dos estudos. A oferta de trabalho disponível, frequentemente, está concentrada em funções com escopo e autonomia reduzidos, além de marcados pela pouca valorização social e financeira. No segundo grupo, o do “trabalhador estudante”

[...] diversa é a situação do trabalhador que estuda pois, nesse caso, o acidente não é o trabalho mas o estudo. O estudo aparece como contingência. O trabalhador escolhe um curso que não se incompatibiliza com o trabalho porque este sim exige e absorve a maior parte das energias. (FORACCHI, 1977 apud VARGAS; PAULA, 2013, p. 467).

No entanto, as experiências dos jovens não se enquadram integralmente em nenhum dos dois modelos, uma vez que, embora a experiência laboral tenha sido decisiva para a manutenção dos estudos, as atividades desenvolvidas estavam diretamente relacionadas aos seus campos de formação, permitindo um diálogo entre os contextos de formação e atuação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E em cada trajetória pessoal analisada é possível identificar o desenvolvimento de competências diferentes para jogar o jogo social. O reconhecimento da desestandardização dos processos de transição tem se mostrado cada vez mais relevante nas análises sociológicas, especialmente quando pensamos o público-alvo deste estudo, a juventude. Como sinaliza Pais (2009, p. 373), “no caso dos jovens, temos assistido a uma crescente reversibilidade das trajetórias para a vida adulta (emprego/desemprego; casamento/divórcio; abandono/retorno à escola ou família de origem)”, que constituem estatutos sociais cada vez mais múltiplos, transitórios, precários e/ou reversíveis.

A passagem por projetos sociais – mas não de qualquer projeto social – produziram um significativo marco em suas trajetórias. A ampliação de repertórios socioculturais e a possibilidade de acessar circuitos culturais e redes profissionais em suas áreas de formação também atuaram como suportes decisivos a suas inserções profissionais. Para os jovens de origem popular que compõem o universo aqui investigado – mais dependentes de apoio público na forma de instituições formadoras, patrocínios e projetos de fomento – o papel dos suportes é bastante explícito e fundamental para a qualificação, inserção e permanência num campo profissional caracterizado pela incerteza.

As relações de proximidade que a Kabum estabelecia com seus alunos e seu currículo mais flexível e centrado nos interesses dos jovens contribuem diretamente para a ampliação de repertórios culturais e para os processos de construções identitárias e de projetos de vida dos estudantes, impactando não apenas na formação técnica desses sujeitos. Essa proposta política e pedagógica poderia servir de inspiração para outras instituições educativas, que constantemente se deparam com o desinteresse e o distanciamento do seu público-alvo.

A possibilidade de ingresso em uma universidade pública também contribuiu para a ampliação de redes sociais, além de poderem vivenciar um espaço de maior liberdade de experimentar e construir a si mesmos como profissionais “das artes.” Aqui, merecem destaque o papel políticas públicas de educação e cultura no período investigado. Os avanços sensíveis na estruturação tanto do ensino superior quanto do setor cultural, mesmo quando amparados por orçamentos insuficientes e de alcance limitado, destacam o papel essencial do Estado, enquanto suporte institucional para que jovens de classes populares possam atravessar fronteiras sociais e simbólicas e ocupar espaços antes refratários a suas presenças.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Kathia; MARTUCCELLI, Danilo. La individuación y el trabajo de los individuos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 77-91, 2010.
- BORGES, Vera. Trabalho, gênero, idade e arte: estudos empíricos sobre o teatro e a dança. **E-cadernos CES**, n. 10, p. 110-127, 2011. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/media/ecadernos10/5%20-%20Vera%20Borges.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.
- FARIA, Ivan. **Viver de arte**: percursos de formação e inserção socioprofissional de egressos de cursos de educação profissionalizante em artes, em Salvador, Bahia. 2017. 292f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- FERNANDES, Angela Maria Dias; CUNHA, Nadiane Martins; FERREIRA, Cíntia Milena. Arte, educação e projetos de intervenção social no Rio de Janeiro. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Niterói, v. 16, n. 2, p. 29-44, jul./dez. 2004.
- FERREIRA, Vitor Sergio. O lugar da escola na estruturação de carreiras artísticas. In: SANTOS, Maria de Lourdes Lima. **O mundo da "arte jovem"**: protagonistas, lugares e lógicas de acção. Oeiras: Celta Editora, 2003. p. 67-157.
- FERREIRA, Vitor Sérgio; RAIMUNDO, Alexandra. Conseguir trabalho e algo mais: reconfigurações sociais e de sentido em novas profissões de sonho entre jovens. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 40 anos de democracia(s): progressos, contradições e prospectivas, 8., 2014, Évora. **Actas...** Évora: Universidade de Évora, 2014. p. 1-10.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Gramáticas del individuo**. Buenos Aires: Losada, 2007a.
- MARTUCCELLI, Danilo. Lecciones de sociologia del individuo. **Cuaderno de trabajo**. Pontificia Universidad Católica del Peru, n.2, ago. 2007b.
- NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 105-120.
- PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.
- RAMIRO, Mario. A profissionalização do artista ou o que torna o artista um profissional. In: FERNANDES, Mariana Queiroz (Org.). **Longitudes**: a formação do artista contemporâneo no Brasil. São Paulo: Casa do Povo, 2014. p. 15-23.
- RAMOS, Matheus Mazini. Fotografia e arte: demarcando fronteiras. **Contemporânea**, n. 12, p. 129-142, 2009. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_12/contemporanea_n12_12_matheus.pdf . Acesso em: 10 maio 2018.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação & Sociedade**. v. 26, n. 90, p. 77-105, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n90/a04v2690.pdf> . Acesso em 20 mar 2019.
- SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). Juventude e educação: interações entre educação escolar e a educação não-formal. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 2, p. 83-97, 2008.
- VARGAS, Hustana Maria; PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação**, v. 18, n. 2, p. 459-485, jul. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v18n2/11.pdf> . Acesso em: 09 set. 2016.

[1] Para fins de simplificação a Oi Kabum!- Escola de Arte e Tecnologia, será referida doravante como Kabum.

[2] No período de 2004 a 2015, o projeto ofereceu formação patrocinado pelo Instituto Oi Futuro, mas também contou com apoio da secretarias estaduais e da Unesco. Além das excelentes instalações e equipamentos, tinha uma proposta de formação integral, com base na educação pela comunicação e a educação artística. Os cursos tinham cerca de 1200 horas de carga horária e os requisitos para ingresso é ter entre 16 e 20 anos, ser morador de comunidade de bairros populares e estar cursando ou ter concluído o ensino médio em escola pública.